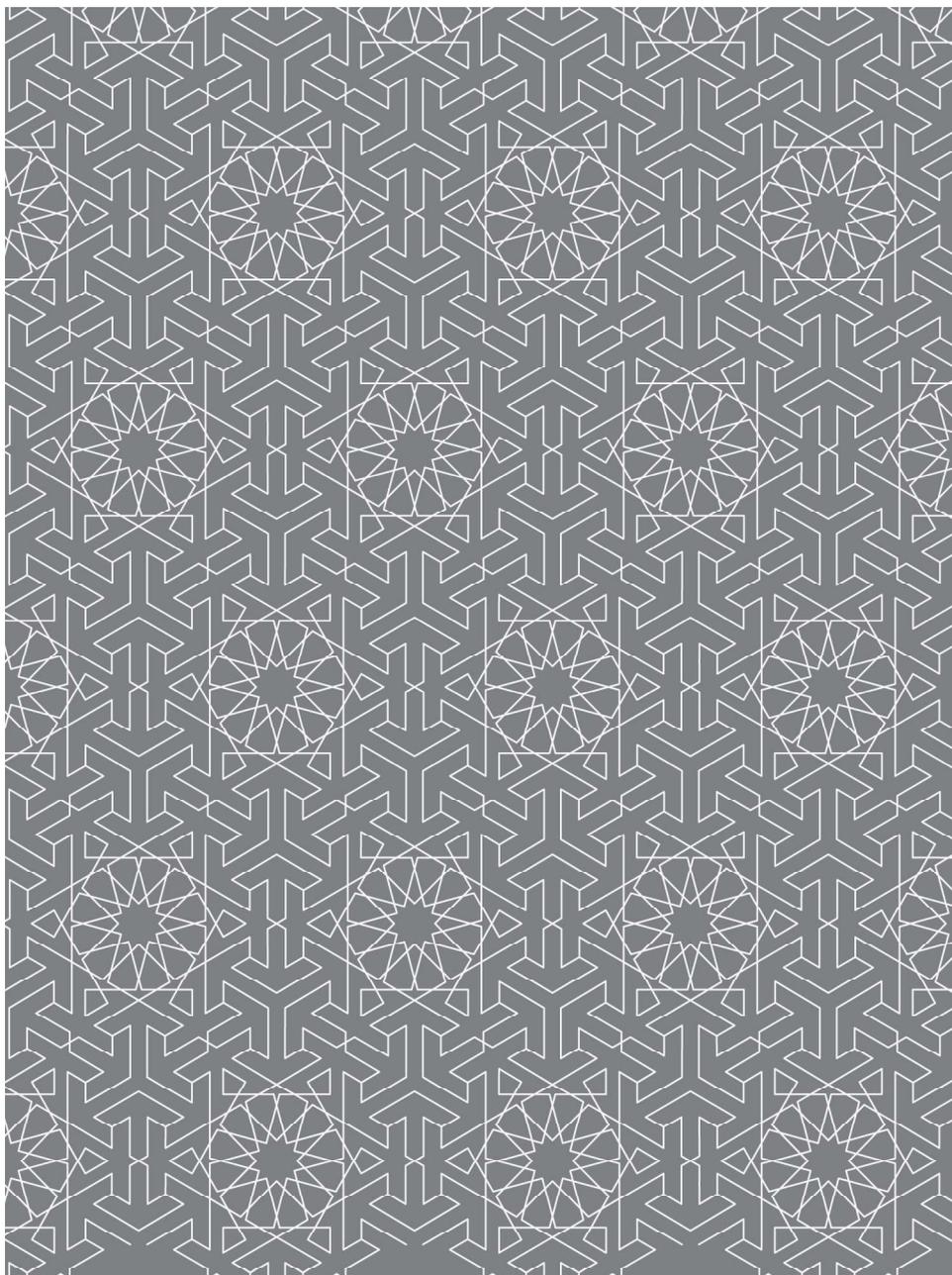




DA IMITAÇÃO DO PROFETA

Emir 'Abd al-Qādir



⋮

Apresentação: Sobre o Emir ‘Abd al-Qādir da Argélia²¹⁴

Ibn ‘Arabī -o Šayḥ al-Akbar (“o Maior dos mestres”), como é conhecido entre seus discípulos- não fundou propriamente uma *ṭarīqa*. No entanto, sua *baraka* (influência espiritual) permaneceu sendo transmitida tanto por meio de sua *rūḥāniyya* (presença o entidade espiritual) quanto por meio da transmissão ininterrupta ao longo dos séculos da *ḥirqa* (manto) akbari (nome derivado da expressão al-Šayḥ al-Akbar) entre seus discípulos. Dentre estes, um dos mais notáveis foi ‘Abd al-Qādir.

Emir da Argélia durante a guerra que antecedeu a ocupação francesa da região, no séc. XIX, ‘Abd al-Qādir resistiu durante 15 anos ao exército invasor. Enganado por um general inescrupuloso para assinar de boa fé um acordo que não seria cumprido, o Emir foi em seguida mantido preso por 5 anos, apesar de lhe terem sido feitas promessas de que seria libertado.

Depois disso, foi exilado em Damasco, onde viveu por 27 anos e foi enterrado na tumba de Ibn ‘Arabī, ao seu lado. Somente este dado é suficiente para nos dar uma ideia de sua importância.

Filho e neto de sufis, sua filiação à *silsila akbariyya* deu-se já em sua juventude, sendo, desse modo, dirigido e ensinado diretamente pela *rūḥāniyya* de Ibn ‘Arabī.

Não obstante ele, como é comum entre “as gentes da Via”, teve mestres vivos, dentre eles seu próprio pai. Aos vinte anos, tornou-se discípulo do šayḥ Ḥālid al-Naqšbandī e, mais tarde, filiou-se também à *ṭarīqa šādilīyya*.

Seu nome encontra-se no centro do chamado “renascimento akbari”, tendo realizado a primeira edição das *Futūḥāt makkīyya*, obra maior de Ibn ‘Arabī.

O capítulo aqui traduzido foi extraído da tradução francesa feita por M. Chodkiewicz de trechos do *Kitāb al-Mawāqif* (*Livro das Paradis*), em que o Emir comenta versos do Corão.

214 Apresentação de Bia Machado a partir de dados extraídos da introdução de M. Chodkiewicz in Abd el-Kader, *Écrits spirituels*, Ed. du Seuil, Paris, 1982.

Tradução do texto: “Da imitação do Profeta”

“Certamente, há para vós, no Enviado de Allah, um modelo excelente”
(Corão 33: 21).

Recebi este precioso verso segundo uma modalidade espiritual secreta: Allah, de fato, quando quer me comunicar uma ordem ou uma interdição, anunciar-me uma boa nova ou me por em guarda, ensinar-me uma ciência ou responder a uma questão que eu Lhe tenha colocado, tem por costume arrancar-me de mim mesmo -sem que minha forma exterior seja por isso afetada- e depois projetar sobre mim o que Ele deseja por meio de uma alusão sutil (*išāra*) contida num verso do Corão. Em seguida, Ele me restitui a mim mesmo, munido deste verso, consolado e satisfeito. Ele me envia a seguir uma inspiração sobre o que Ele quis me dizer pelo verso em questão. A comunicação deste verso opera-se sem som nem letra e não pode ser atribuída a nenhuma direção do espaço²¹⁵.

Recebi desta maneira -e é a Allah que se deve a graça por isso- quase a metade do Corão e espero não morrer antes de possuir assim o Corão por inteiro. Sou, pelo favor de Allah, protegido nas minhas inspirações, assegurado de suas origens e de seus fins e Satã não tem poder sobre mim, pois nenhum demônio pode carregar a Palavra de Allah: eles não podem transmitir a Revelação, esta lhes é totalmente impossível.

Todos os versos sobre os quais falo aqui [=nesta obra], eu os recebi segundo esta modalidade, com algumas raras exceções. As Gentes de nossa Via -que Allah esteja satisfeito com elas!- jamais pretenderam trazer o que quer que seja de novo em matéria espiritual, mas somente descobrir na Tradição imemorial novas significações. A legitimidade desta atitude é confirmada pela palavra do Profeta segundo a qual a inteligência de um homem não é perfeita até que ele descubra no Corão múltiplas significações, ou como neste outro hadith relatado por Ibn Ḥibbān no seu *Ṣaḥīḥ*²¹⁶, segundo o qual o Corão tem “um exterior e um interior [literalmente: um dorso, *zahr*, e um ventre, *baṭn*], um limite e um ponto de ascensão”.

Ou ainda por estas palavras de Ibn ‘Abbās²¹⁷: “Nenhum pássaro agita suas asas no céu sem que encontremos isto inscrito no Livro de Allah.” E também por este pedido (*du‘ā*) que o Profeta dirige a Allah em favor de Ibn ‘Abbās: “Dá-lhe perspicácia em matéria de religião e ensina-lhe a ciência da interpretação (*ta’wīl*).” Do mesmo modo, no *Ṣaḥīḥ* é mencionado

215 A “descida do Corão sobre os santos” é um privilégio vinculado à qualidade de “herdeiro” (*wirāṭa*) do Profeta. Ibn ‘Arabī trata disso em várias passagens de sua obra.

216 O *Ṣaḥīḥ* de Ibn Ḥibbān, morto em 354/965, é uma das últimas compilações originais de *ḥadīṭ*-s. A cadeia de transmissão do *ḥadīṭ* citado remonta a Ibn Mas‘ūd.

217 Ibn ‘Abbās, nascido três anos antes da hégira e morto em 68/686, é considerado como o *Tarḡumān al-quṛ’ān*, o intérprete por excelência do Corão. Deve-se a ele a transmissão de numerosos *ḥadīṭ*-s.

que perguntaram a ‘Alī²¹⁸: “O Enviado de Allah privilegiou-vos, a vós Gentes da Casa (*ahl al-bayt*), por uma ciência particular que não foi dada aos outros?” Ele respondeu: “Não -por Aquele que fende o germe e cria todo ser vivo!- a menos que queiras falar de uma penetração particular das significações do Livro de Allah.”

Tudo o que se encontra nesta página e tudo o que se encontra neste *Mawāqif*, é desta natureza. “É Allah que diz a Verdade e é Ele que guia sobre o caminho reto!”

Quanto àquele que quer verificar a veracidade das Gentes da Via, que ele as siga! As Gentes da Via não anulam o sentido literal [do Livro sagrado]. Eles também não dizem: “O sentido deste verso resume-se ao que nós compreendemos, à exclusão de qualquer outra significação.” Muito ao contrário, eles afirmam a validade do sentido exotérico conforme à literalidade do texto e limitam-se a dizer: “Nós percebemos uma significação que se soma ao sentido literal.” É evidente que a palavra de Allah é proporcional à Sua ciência. Ora, Sua ciência abrange igualmente as coisas necessárias, as coisas possíveis e as coisas impossíveis. Pode-se chegar até a sustentar, por conseguinte, que Allah quis dizer por um verso dado, tudo o que compreenderam tanto os exoteristas quanto os esoteristas e, além disso, tudo aquilo que escapou tanto aos primeiros quanto aos segundos. É por isso que cada vez que surge um ser a quem Allah abriu o olhar interior (*baṣīra*) e iluminou o coração, nós o vemos tirar de um verso ou de um *ḥadīth* um sentido que ninguém antes dele foi levado a descobrir. E assim será até o levantar da Hora! Pois tudo isso é devido ao caráter infinito da Ciência de Allah, que é seu Mestre e seu Guia.

[Voltando ao verso introdutório deste capítulo] diremos que ele apresenta -a despeito de sua brevidade- um tal caráter de milagre inimitável (*iḡāz*) que dele não é possível dar-se conta, nem de maneira direta nem por alusão simbólica. É um mar imenso, sem começo nem fim. Tudo aquilo que pudemos escrever sobre as ciências deste baixo-mundo ou do outro, está contido nesta alusão sem igual.

“Certamente, há para vós no Enviado de Allah um modelo excelente”: isto refere-se, em primeiro lugar, à maneira pela qual Deus trata Seu Enviado: ora Ele o supre, ora Ele o priva; ora Ele o põe a prova, ora o assiste; algumas vezes Ele o submete a seus inimigos; o combate, alternativamente, conclui-se por sua vitória ou por sua derrota. Às vezes, Ele o contrai e às vezes Ele o dilata²¹⁹. Ora concede-lhe o que pede, ora recusa. Ora Ele lhe diz:

218 ‘Alī Ibn Abī Ṭālib, quarto califa, morto em 40/660. Primo do Profeta, ‘Alī tornou-se seu genro ao se casar com Fátima. A expressão “Gentes da Casa”, empregada na frase seguinte e que é de origem corânica, designa tradicionalmente a família do Profeta, compreendida de maneira mais ou menos ampla.

219 A “contração” (*qabḍ*) e a “dilatação” (*bast*) são termos técnicos empregados frequentemente na literatura do sufismo. Segundo Ġurḡānī, “são dois estados que sobrevêm [alternativamente] quando o servidor ultrapassou o estado do temor (*hawf*) e da esperança (*raḡā*). A “contração” é para o gnóstico (‘ārif) o que o temor é para o noviço. A diferença entre eles é que o temor e a esperança estão

“Certamente, aqueles que fazem o pacto contigo, é, na verdade, com Allah que fazem o pacto” (C. 18: 10); “Aquele que obedece ao Enviado, é a Allah que ele obedece” (C. 4: 80); “Diz: se vós amais Allah, segui-me e Allah vos amará” (C. 3: 31); “Não foste tu que lanças-te [a lança], quando tu [a] lanças-te, mas foi Allah quem [a] lançou” (C. 8: 17). A força da expressão mostra que esta significa: “Tu não és tu quando tu és tu, mas tu és Allah!”²²⁰

E ora Ele lhe diz: “Certamente, tu não guias aqueles a quem amas [mas é Allah quem guia quem Ele quer]” (C. 28: 16); “Tu não tens poder sobre este assunto: ou bem Ele os perdoará, ou bem Ele os punirá” (C. 3: 128); “Não podes fazer ouvir aos mortos, nem fazer ouvir o apelo aos surdos quando eles viram as costas” (C. 27: 80); “E não és Tu que podes conduzir os cegos para fora de seu extravio” (C. 27: 81; 30: 53); “És tu que salvarás aquele que está no fogo?” (C. 30: 19); “E não és tu que está sobre eles omnipotente!” (C. 50: 45).

Assim, Deus coloca às vezes o Enviado em Sua própria categoria sublime e às vezes na condição de um servidor ínfimo. Deste ponto de vista, o verso introdutivo encerra ciências infinitas e fora de alcance acerca de Allah, de Seus atributos, de Sua independência com respeito a Suas criaturas e de sua dependência em relação a Ele, dos Enviados, daquilo que se impõe a eles, daquilo que lhes é permitido e daquilo que lhes é proibido, da Sabedoria divina na criação, da sucessão do mundo daqui de baixo e do outro mundo.

“Certamente, há para vós no Enviado de Allah um modelo excelente”: este modelo, de um outro ponto de vista, consiste no comportamento do Enviado em relação a seu Senhor, na Realização perfeita daquilo que implica a servidão e o cumprimento de tudo o que a Senhoridade exige, na sua dependência total com respeito a Deus (*al-faqr ilay-hi*) e seu abandono total a Ele em todas as coisas, na sua submissão a Seu poder e sua satisfação de tudo o que Ele decreta, seu reconhecimento pelas graças que Ele concede e sua paciência nas provações que Ele lhe infringe. A este aspecto do verso conectam-se ciências sem número e sem limites relativas à Lei sagrada e concernentes tanto às obras de adoração quanto aos atos ordinários da existência, às práticas salvadoras e àquelas que conduzem o homem a sua perda.

“Certamente, há para vós no Enviado de Allah um modelo excelente”: isto refere-se, por outra parte, ao comportamento dos homens em relação ao Profeta. Uns professaram que ele era verídico e outros o acusaram de falsidade.

ligados a um acontecimento futuro, desejado ou temido, enquanto que contração e dilatação estão ligadas a uma coisa imediatamente presente procedente de uma inspiração sobrenatural que domina o coração do gnóstico”.

²²⁰ *Wā-mā ramayta...* alusão a um episódio da batalha de Badr. Ibn ‘Arabī comenta com frequência este verso que afirma a realidade individual da pessoa do Profeta ao atribuir-lhe este ato e ao mesmo tempo a nega ao identificá-lo à Realidade divina ela mesma.

Uns o amaram, outros o odiaram, fizeram-no sofrer por suas palavras e por seus atos, fizeram-no suportar, afóra a morte, todos os tormentos. Golpearam sua nobre face e quebraram seus dentes. Coalizões formaram-se contra ele. Seus próximos o abandonaram. Mas, tudo isso não teve outro efeito senão tornar mais clara sua visão do que lhe foi incumbido e mais firme ainda seu estado espiritual. A esta categoria de interpretação do verso está ligado o conhecimento inesgotável das virtudes do Profeta, de seus ensinamentos, dos ensinamentos dos outros profetas e gnósticos, das provações a que foram submetidos por aqueles que os tratavam como impostores.

“Certamente, há para vós no Enviado de Allah um modelo excelente”: isto pode ser compreendido também como o comportamento do Profeta para com as criaturas, do amor que ele tem por elas, do bem que ele quis para elas -e isto a ponto de seu Senhor lhe ter dito: “Talvez te consumas de pesar porque eles não crêem” (C. 26: 3)- de sua paciência para com elas. Ele via nelas a face de Deus. Os homens o trataram injustamente e ele os perdoou. Eles lhe recusaram e ele lhes deu. Eles o desprezaram e ele suportou sua ignorância, eles o excluíram e ele os reuniu. Ele disse: “Ó meu Deus, perdoa meu povo pois eles não sabem o que fazem”. Ao mal ele respondeu com o bem, às ofensas com a bondade, revestindo-se dos caracteres divinos (*taḥalluqan bi-l-aḥlāq al-ilāhiyya*) e realizando os Nomes divinos de Misericórdia (*taḥaqqan bi-l-asmā' al-raḥmāniyya*) -pois nada é mais paciente do que Deus frente ao insulto. A este aspecto do verso está ligado o conhecimento -que as plumas não podem transcrever, nem os espíritos encerrar- dos nobres caracteres e das virtudes perfeitas, a ciência da regência dos homens nos assuntos da religião e nos assuntos do século em vista da boa ordem e da prosperidade do universo e da felicidade dos eleitos.

Cabe ao discípulo -que digo eu? Ao gnóstico mesmo- fazer deste verso o ponto cardinal de sua orientação (*qiblatu-hu*) em todo lugar, o alvo de sua contemplação a todo instante. Todos os estados espirituais que ele pode conhecer estão ligados, com efeito, a um dos quatro aspectos de que falamos. Este verso pode representar a via reta sobre a qual Satã arma-se em emboscada para assaltar pelos quatro cantos os filhos de Adão, pois ele fez este juramento:

“Seguramente, eu me porei contra eles em emboscada sobre Teu caminho reto, depois eu os atacarei pela frente, por trás, pela sua direita e pela sua esquerda. E descobrirás que a maior parte deles não é, de modo algum, agradecida com respeito a Ti” (C. 7: 16-17).

Aquele que se conforma ao que indica este verso pertence ao número dos agradecidos (*al-ṣākirūn*); e, sobre este, os demônios não têm poder.

(Tradução de Laura Di Pietro a partir da tradução francesa de Michel Chodkiewicz).